

Arq. Nestor Goulart Reis Filho

Os esquemas de implantação da arquitetura urbana brasileira sofreriam transformações da mais alta significação, durante os anos compreendidos entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, correspondendo ao início do desenvolvimento industrial e da diversificação da produção rural do país.

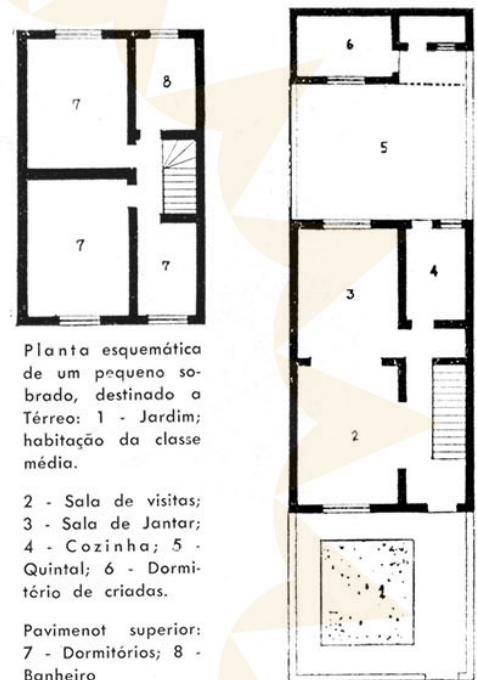
Datam de então as primeiras modificações tecnológicas de importância no Brasil. O prestígio crescente do trabalho remunerado criaria as condições necessárias ao seu encarecimento e vantagem de sua substituição por processos mecânicos. A mecanização, iniciada com os meios de transporte, iria aos poucos estendendo-se a uma série de setores e atividades. Na arquitetura as transformações e a mecanização do transporte vertical e horizontal garantiriam as bases para um amplo desenvolvimento.

É a época do aparecimento dos arranha-céus, com a verticalização do crescimento urbano nas áreas centrais das grandes cidades e também da multiplicação, na periferia, dos grandes bairros proletários para a acomodação das classes menos favorecidas. Surgiriam ainda os bairros jardins, para as classes mais abastadas, com os edifícios afastados obrigatoriamente dos limites dos lotes.

As técnicas construtivas passavam por uma fase de aprimoramento, devido em grande parte à influência



Casas construídas por Flávio de Carvalho, na rua Oscar Freire, em São Paulo. Por suas características plásticas e construtivas e por sua organização externa, essas residências fugiram aos padrões correntes em sua época



da mão-de-obra imigrada. Alcançava-se, desse modo, a vitória quase completa das técnicas correspondentes ao trabalho remunerado, de tipo artesanal, sobre as tradições construtivas dos tempos da escravidão.

Até cerca de 1940 a industrialização dos materiais de construção seria tímida, em escala modesta, quase artesanal. A indústria ainda não atingira estágio de atendimento do mercado nacional; em verdade, no que se refere à construção, ensaiava apenas alguns avanços. Verificava-se a importação de muitos equipamentos e materiais estrangeiros e, em contra-partida, nos centros mais modestos, os progressos estavam longe de acompanhar os das grandes cidades. Carlos Borges Schmidt revela que, por volta de 1940, em certas regiões de São Paulo, ainda era econômica, e como tal utilizada, a velha técnica da taipa de pilão.

Esboçava-se uma racionalização da vida, mas de modo relativo, apenas em alguns setores dos centros maiores, e mesmo nesses locais, grande parte das antigas relações de tipo rural preservava-se, a despeito dos avanços tecnológicos. As noções de tempo e velocidade, indicadoras sensíveis das transformações das relações entre as pessoas, subsistiam quase inalterados.





Conjunto de residências econômicas, de tipo comercial, à rua Conselheiro Nébias em São Paulo

Quantitativamente modificados, nossos principais centros urbanos conservaram porém os mesmos esquemas urbanísticos gerais, de origem renascentista, sem procurar uma atualização qualitativa. Nas mesmas ruas em que haviam circulado as carroças e carruagens, circulavam agora os automóveis, caminhões e ônibus, preparando o congestionamento dos dias de hoje; recebiam uma população cada dia maior, sem atualizar os meios de transporte e de abastecimento, entravam na era industrial equipados com instrumentos dos tempos da pedra lascada.

De modo geral, os tipos de lotes urbanos herdados do século XIX persistiriam e acompanhariam, quase sem



Favela no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro

alterações — ressalvadas as dimensões — as mudanças realizadas na arquitetura. De fato seria esta que, por força das circunstâncias, procuraria criar formas de adaptação do velho esquema de lote, conforme a sua destinação e terminaria mesmo por sofrer as mais severas limitações, decorrentes da rigidez e atraso na formulação dos lotes.

As dificuldades enfrentadas pela agricultura, com suas crises periódicas, a ausência de formas evoluídas de capitalismo e o crescimento ininterrupto da população dos maiores centros, fariam com que as propriedades imobiliárias fossem um dos modos mais eficazes de aplicação financeira; para os grandes investidores, a vantagem seria a renda dos aluguéis de casas para a

classes média, passíveis de oscilação nas etapas de crise, mas com procura muito mais estável do que os produtos agrícolas, vale dizer, o café. Para os pequenos investidores, vivendo frequentemente de seus salários e procurando aplicar eficazmente algumas economias, o objetivo máximo de segurança seria a casa própria. Como consequência, aqueles anos assistiram à multiplicação dos conjuntos de casas econômicas de tipo médio, repetindo, o quanto possível, as aparências das residências mais ricas, dentro das limitações e modéstia de recursos de sua classe.



"Vila" com casas térreas de padrão extremamente econômico, no bairro do Flamengo, nas proximidades da rua do Catete, Rio de Janeiro

É evidente que essas habitações, edificadas com economia de terreno e meios, aproveitavam em menor escala as novas possibilidades. Conservando-se em geral sobre os limites laterais dos lotes, recuavam quase sempre alguns metros das vias públicas, onde apareciam miniaturas de jardins. Com êsses surgiam, também, certas inovações plásticas, de sentido puramente formal, onde se acompanhavam, quase de modo caricato, as variações das correntes arquitetônicas. Em casos especiais surgiria um afastamento, em um dos lados, dando lugar a uma passagem para automóveis. Como nos edifícios de maiores dimensões, as edículas viriam acomodar-se aos limites de fundo dos terrenos.

Pode-se perceber, facilmente, que essas casas conservavam, dentro do possível, as mesmas tendências de valorização social e arquitetônica de certos espaços e desvalorização de outros, que se encontravam nas moradias das classes mais abastadas. Jardins na frente e fachadas rebuscadas, em escala reduzida, às vezes mesmo de miniaturas, acentuavam a importância das frentes e ocultavam a modéstia dos fundos. Essa disposição, imutável, fazia com que, nos exemplares mais estreitos, a circulação de serviço se realizasse através das salas, até mesmo para as retiradas de lixo. Os inconvenientes de tal situação eram suportados corajosamente, como o intuito de preservar uma "lógica" absurda, mas que conseguia garantir uma aparência de decôre e ocultar um conjunto de "vergonhas" tanto mais penosas quanto mais humildes os moradores. De fato, as possibilidades de uma eventual visita às cozinhas das casas abastadas, nem de longe se comparava ao sofrimento que tal indiscrição daria a uma dona de casa de classe média, frequentemente obrigada a realizar serviços que as tradições haviam reservado aos escravos.





Casas de aluguel com acabamento néo-colonial, na Avenida Angélica, em São Paulo

Dêse gênero são os inúmeros conjuntos de sobrados construídos no Jardim Paulista e na Vila América, em São Paulo. Em quase todos a aparência procura atender às inovações formais, que o modernismo vinha introduzindo, por meio de artifícios de desenho arquitetônico: linhas retas, platibanda ocultando o telhado de telha tipo Marselha, revestimento com mica, alguns ornatos retilíneos e o fingimento de uma poderosa estrutura de concreto. Em outros a preocupação ia mais longe e apareciam janelas de modelos mais recentes, de ferro para as salas e de madeira, tipo "ideal", nos dormitórios. Essa fórmula ainda pode ser vista em exemplos remanescentes nas ruas daqueles bairros: Alameda Lorena, rua Oscar Freire, Alamedas Jaú, Itu, Franca, etc., sendo o seu uso hoje talvez um pouco diferente.

Naquele tempo um arquiteto, Flávio de Carvalho, tentou enfrentar o problema de forma diferente, num conjunto de casas que construiu na Alameda Lorena, nas proximidades da Rua Augusta. O choque produzido na população em face de esquemas menos conhecidos foi de tal envergadura que houve quem afirmasse que nessas casas, para se ir dos quartos ao banheiro, era necessário subir por uma escada externa, que fica na fachada; tratava-se apenas de acesso a um solário ou mirante, mas o equívoco dá a medida da desconfiança da população.

O crescimento gigantesco do operariado urbano, possibilitado pela constante evolução da estrutura industrial, iria conduzir ao aparecimento de bairros populares ao longo das vias férreas, junto às indústrias ou em regiões suburbanas. O fenômeno, quase exclusivo das grandes cidades, iria produzir a urbanização das áreas periféricas, até então destinadas a fins agrícolas, dentro da ordem tradicional. Engenho Nôvo, Engenho Velho, Madureira, Vila Isabel e Mangueira são nomes que as canções populares e as crônicas se encarregaram de difundir e que por isso mesmo reve-

lam etapas mais antigas de crescimento do Rio de Janeiro. São Paulo, de crescimento mais recente, usaria nomenclatura mais artificial, em suas famosas "vilas": Vila Matilde, Vila Leopoldina, Vila Anastácio, etc..

Os loteamentos de tipo popular viriam a constituir, quase sempre, uma reinterpretação dos velhos esquemas tradicionais, com exagerados índices de aproveitamento, criando dificuldades que não eram previstas nas tradições. Retiravam os aspectos positivos dos planos das cidades-jardim, transformando os novos bairros em sucessões infindáveis de quadriculados, com lotes tão exíguos, que a disposição geral dos edifícios já ficava predeterminado. Esse tipo tornou-se comum em São Paulo, onde as casas de tipo popular eram construídas aos poucos, pelos proprietários, frequentemente com o auxílio dos vizinhos e amigos, sob a forma de mutirão.



Residência típica da classe média. Nesses exemplos, as decorações de "estilo moderno" influenciavam a composição das fachadas e as preocupações paisagísticas exigiam um afastamento da via pública

Em alguns locais as dificuldades sociais e econômicas provocariam o aparecimento de tipos precários de habitação, com padrões ínfimos de higiene e construção, na maioria dos casos sem qualquer forma de organização territorial, senão aquela ditada pelo acaso. Tais seriam as favelas. Malocas, invasões, mocambos, ou favelas, iriam sendo batizadas pelo povo, em cada região que surgiam, constantes porém na indicação da miséria e do calcanhar-de-aquiles do urbanismo contemporâneo.

Apenas em casos especiais ocorriam tentativas de soluções mais perfeitas. Pode-se, porém, citar o conjunto industrial Maria Zelia, na capital paulista, projetado pelo arquiteto Dubugras, onde se incluíam grupos de residências para operários. Programas mais amplos — e ambiciosos no sentido político — surgiriam apenas sob a pressão dos acontecimentos desencadeados pela Segunda Guerra Mundial.